



FUNDAÇÃO
GETULIO VARGAS

EPGE

Escola de Pós-Graduação
em Economia

Ensaio Econômicos

Escola de

Pós Graduação

em Economia

da Fundação

Getulio Vargas

Nº 664

ISSN 0104-8910

***Trabalho e Condições de Vida nas Favelas
Cariocas***

Marcelo Cortes Neri

Dezembro de 2007

**Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões
neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Fundação
Getulio Vargas.**

Trabalho e Condições de Vida nas Favelas Cariocas¹

Marcelo Cortes Neri

Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/IBRE/FGV) e da EPGE/FGV.

1. Favelas . 2. Metrópolis . 3. Informalidade. 4. Cidades. 5. Pobreza

1. Introdução

O Rio é um estado voltado mais para fora do que para dentro. Os nomes dos principais jornais locais, “Jornal do Brasil” e “O Globo”, refletem o interesse cosmopolita fluminense. O título dos jornais de outros estados faz, em geral, referência à respectiva unidade da federação. No caso dos pesquisadores do Rio, o ato de olhar para o futuro da Região Metropolitana, da cidade e do Estado, é atípico. O Rio é vocacionado para questões nacionais. A recíproca também é verdadeira. Os olhos do Brasil e do mundo também se voltam com frequência para o Rio. Isto desde os tempos quando o Rio era Corte. A presença da sede da Rede Globo reforça a visibilidade da vitrine carioca. As imagens do Rio, nem sempre aquelas que causam orgulho local, como da violência nas favelas cariocas são transmitidas ao vivo e a cores para o resto do país.

O Rio é o Estado mais metropolitano da federação, 76% da população fluminense mora numa metrópole. Não há nenhum estado que chegue perto disso. Nos últimos 15 anos, vivemos no Brasil uma grande crise metropolitana. As áreas metropolitanas não são as áreas mais pobres, mas foram as localidades onde a renda caiu mais. São Paulo, o maior município brasileiro, foi entre os mais de 5 mil municípios do Brasil onde o problema aumentou mais entre os censos de 1991 e 2000, o que dá idéia de como tamanho de cidade e evolução econômica tem se relacionado nos últimos anos. A recente deterioração da renda nas grandes cidades iniciada em 1996, só a partir de 2003 dá sinal de arrefecimento. Tem sido patente a incapacidade do estado brasileiro em lidar com a questão metropolitana.

O Rio talvez seja a melhor foto tirada em nível de um Estado da chamada crise metropolitana. O presente estudo descreve o nível e a evolução das condições de trabalho e de

¹ Agradeço aos comentários de Maria Piedade e a assistência de pesquisa de Luisa Carvalhaes e Alexandre Pinto.. Eu gostaria de fazer um agradecimento especial a Maurício de Andrade da Ação da Cidadania aos *insights* e as palavras de incentivos em todos os momentos desta pesquisa.

vida no Rio de Janeiro dando destaque à análise das grandes favelas cariocas tais como Complexo do Alemão, Jacarezinho e Rocinha bem como de reassentamentos urbanos como os da Cidade de Deus e Maré. O foco nessas comunidades ilustra talvez o lado mais difícil da crise metropolitana brasileira recente, o surgimento e crescimento de uma nova pobreza muito próximas de áreas de alta riqueza e desassistida pelo estado.

O plano do trabalho é o seguinte: as seções dois e três analisam alguns aspectos das condições de trabalho e de moradia nas grandes favelas cariocas. A seção quatro detalha a comunidade da Rocinha, analisamos rapidamente as principais características sócio-demográficas e as atividades empresariais lá exercidas. A seção sete busca contextualizar as análises através de uma retrospectiva da crise social recente nas grandes metrópoles brasileiras vis a vis a adoção de novas políticas sociais. As principais conclusões são deixadas para a última seção.

2. O Trabalho nos Morros Cariocas

Os dois temas mais presentes em pesquisas de opinião feitas nos últimos anos sobre os principais problemas brasileiros são acima de tudo metropolitanos: desemprego e violência, invariavelmente. Neste processo, a violência Carioca tem habitado as páginas policiais nacionais, em especial a das grandes favelas como Complexo do Alemão, Maré, e Rocinha. Em que medida a atual onda de violência nos morros cariocas é acompanhada por um mau desempenho trabalhista?

O Censo 2000 permite analisar o desempenho trabalhista nas principais favelas cariocas. Note que em função de diferenças metodológicas, estes dados não são comparáveis àqueles de outras bases de dados como a Pnad, a PME e mesmo do Censo 1991, inviabilizando análises temporais. Trabalhamos aqui com as três favelas citadas acima mais Cidade de Deus e Jacarezinho que constituem 5 das 32 regiões administrativas cariocas. Optamos por realizar um contraste deste grupo de RAs com o de RAs de renda mais alta compostas por Lagoa, Barra da Tijuca, Botafogo, Copacabana e Tijuca. Utilizamos aqui o banco de dados do Mapa do Fim da Fome II para fazer um zoom sobre a situação do trabalho nos morros cariocas.

A renda média do trabalho é cerca de 5,3 vezes maior no grupo das áreas mais ricas. Agora ao contrário do estereótipo do malandro do morro Carioca, a jornada de trabalho média lá é cinco horas semanais superior a do asfalto. O resultado destes dois vieses torna os diferenciais de salário-hora superiores aos observados na renda mensal: 11,8 reais-hora contra 1,99 reais-hora. Um fator é a diferença de cerca de onze anos de idade média entre os dois universos

analisados, os jovens tem menos experiência o que prejudica os salários e mais predisposição a trabalhar mais horas. Outro é a diferença na taxa de informalidade que libera os mercados do piso de salário e do teto de horas impostos pela legislação trabalhista explicando parte dos contrastes. A taxa de cobertura previdenciária entre os ocupados que moram nos bairros de alta renda é de 74,5% contra 68,9% das comunidades de baixa renda. Informalidade trabalhista e fundiária parecem caminhar lado a lado. Já as taxas de participação não são muito diferentes nas áreas observadas. Cerca de 70% das pessoas em idade ativa em ambas áreas estão economicamente ativas, isto é trabalhando ou procurando trabalho. A taxa de desemprego representa relevante diferencial entre morro e asfalto: 9,9% nos bairros de alta renda contra 19,1% nas favelas em questão, resultado qualitativamente consistente ao de uma série de pesquisas de campo nos morros cariocas pela Ence/IBGE. O excesso de oferta de mão de obra gera uma pressão baixista sobre o rendimento do trabalho local. Obviamente, as taxas de participação, informalidade e desemprego tanto quanto as taxas de salários são variáveis endógenas, mesmo no curto prazo.

O fator fundamental é a desigualdade de escolaridade: média de 11,9 anos completos de estudo de um trabalhador nos bairros de luxo contra 6,2 anos nas comunidades de baixa renda. Como existe retorno crescente de educação, cada ano a mais de escolaridade rende mais aos ocupados dos bairros de alta renda: 180,5 reais por cada ano de estudo de um ocupado nos bairros ricos contra 65,9 reais dos pobres.

Os vieses observados na renda, jornada e retorno do estudo das pessoas em favelas pode ser sintetizada através do diferencial de salário-hora por ano de estudo de cerca de 307% entre os dois grupos de localidades. Um fato que chama a atenção é que apesar de todas adversidades enfrentadas pelo trabalhador das comunidades de baixa renda, a renda do trabalho desempenha lá um papel mais fundamental: cerca de 81% de todas as fontes de renda nestas áreas advém do trabalho contra 63% das áreas de renda mais alta. Apesar das agruras da vida privada das favelas cariocas, a maior carência parece ser a de estado.

MAPA TRABALHISTA
Subdistritos do Rio de Janeiro
População Ocupada

Subdistrito	Renda em Reais Mensais	Jornada em Horas Semanais	Salário-Hora	Educação dos Ocupados	Salário por Ano de Escola
Grandes Favelas Cariocas	405	46.0	1.99	6.2	65.9
Rio de Janeiro Jacarezinho	368	46.0	1.81	6.6	55.6
Maré	395	46.6	1.91	6.0	65.3
Complexo do Alemão	396	45.0	1.99	6.1	65.2
Rocinha	434	45.8	2.14	5.7	76.4
Cidade de Deus	440	45.8	2.17	7.2	60.8
Bairros de Renda Alta Cariocas	2145	40.8	11.82	11.9	180.5
Lagoa	2766	41.2	15.18	12.3	224.7
Barra da Tijuca	2664	42.3	14.21	11.2	238.5
Botafogo	1913	40.3	10.73	12.3	155.4
Copacabana	1761	40.7	9.77	11.8	149.1
Tijuca	1631	40.0	9.22	11.8	137.7
Estado do Rio de Janeiro	736	43.4	3.83	8.2	89.3

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

MAPA TRABALHISTA
Subdistritos do Rio de Janeiro
População Ocupada

Subdistrito	% da Renda do Trabalho	Taxa de Desemprego	Taxa de Participação	Idade	Tx de Formalidade
Grandes Favelas Cariocas	80.6	19.1	70.1	27.3	68.92
Rio de Janeiro Jacarezinho	76.5	21.5	69.4	29.1	67.77
Maré	82.1	18.2	70.6	27.0	67.77
Complexo do Alemão	81.9	19.5	68.5	27.2	65.77
Rocinha	82.0	17.2	72.5	26.0	73.60
Cidade de Deus	74.7	22.3	67.9	29.0	71.34
Bairros de Renda Alta Cariocas	62.9	9.9	71.2	38.3	74.53
Lagoa	63.0	8.7	71.6	38.8	75.20
Barra da Tijuca	74.8	10.4	71.0	31.9	70.42
Botafogo	63.1	9.2	72.7	39.5	76.48
Copacabana	50.8	10.3	70.4	43.0	72.94
Tijuca	61.0	11.4	69.5	38.8	76.75
Estado do Rio de Janeiro	68.1	17.1	66.7	31.0	64.5

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

3. Cidade de Deus: O Reassentamento

Cidade de Deus, o filme brasileiro com maior número de indicações da história do Oscar, tem como cenário uma comunidade que protagonizou uma valiosa experiência sobre efeitos de reassentamentos urbanos a partir da remoção de favelas. O relativamente longo período da existência da comunidade, cuja criação remonta a 1966, na cidade do Rio de Janeiro, permite extrair lições úteis para o desenho de um *menu* de políticas alternativas de provisão de infraestrutura pública em áreas desfavorecidas — sem a remoção de famílias para outras áreas, como preconiza o programa Favela-Bairro, em execução na cidade — ou de regularização fundiária, em pauta no debate político, função da crise metropolitana brasileira em curso. Mais metropolitano e favelizado estado da federação, o Rio de Janeiro é um privilegiado laboratório de políticas habitacionais.

A realocação de comunidades marginalizadas é um exercício complexo de economia política que pode ser enxergado a partir de diferentes perspectivas dos diversos tipos de atores envolvidos no processo. Em primeiro lugar, a dos antigos vizinhos da favela, no coração da Zona Sul carioca, que perceberam um ganho de capital derivado da valorização imobiliária. Em segundo, as perspectivas do setor público, aí incluindo aspectos políticos e financeiros imediatos e futuros, como custos de remoção ou mudanças prospectivas na arrecadação de impostos, como o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Por último, e mais importante na perspectiva da pobreza, a ótica dos reassentados, que se confunde com a narrativa perseguida no filme.

É a partir dessa última perspectiva que iremos analisar as condições de habitação, trabalho e vida dos moradores da Cidade de Deus. Em particular, até que ponto a comunidade compartilha dos mesmos problemas sociais de outras favelas de grande porte da cidade do Rio de Janeiro, como Rocinha, Complexo do Alemão, Jacarezinho e Maré²¹. Essas comunidades constituem cinco das 32 regiões administrativas cariocas e podem ser analisadas em detalhe a partir do Censo 2000 do IBGE². A comparação desses retratos sociais fornece impressões iniciais sobre possíveis implicações dos reassentamentos.

Começemos por alguns indicadores ligados à habitação, relacionados à própria origem da Cidade de Deus. A proporção de moradias em terreno próprio (82,8%) é maior que a média das outras quatro comunidades (73,2%) e mesmo de outras do Estado do Rio de Janeiro. O volume de financiamento habitacional (6,9%) é bem superior ao das quatro comunidades (1,5% da média), o que legitima a idéia de que acesso a crédito e maior formalidade dos direitos de

² Apesar de não ser considerada favela — tecnicamente falando, por ser objeto de planejamento urbano —, os habitantes da Maré a tratam pelo nome de favela.

propriedade fundiária caminha de mãos dadas. O acesso das famílias a bens duráveis de alto valor, mais sujeito a restrições de crédito, é maior na Cidade de Deus que nas demais comunidades — máquinas de lavar (55,4% contra 38,3%), automóveis (19,3% contra 12,8%), televisores (99,1% contra 97,4%) e gravadores de videocassete (61% contra 53,6%) —, o que permitiu à quase-totalidade de seus habitantes assistirem à cerimônia do Oscar e permitirá a mais da metade deles assistir ao filme no conforto de seus lares³³.

Além de financiamento habitacional e títulos de propriedade, um sinal da presença do Estado na vida dos moradores da Cidade de Deus é o acesso a alguns serviços públicos. A comparação, no entanto, revela números próximos aos das outras comunidades analisadas: rede geral de água (98,2% contra 97,7%), canalização no domicílio (98,3% contra 96,2%) e iluminação (99,1% contra 99,4%). O lixo coletado é o único item a apresentar maior discrepância favorável à comunidade: (79,1% contra 52,4% das outras quatro comunidades).

Como vimos na tabela da seção anterior, das cinco comunidades analisadas a da Cidade de Deus tem a maior renda média do trabalho: R\$439 contra R\$396 da média das outras quatro, embora a jornada de trabalho fique em nível idêntico: 45,8 horas semanais. O diferencial salarial pode ser explicado pela maior escolaridade média dos ocupados (7,2 anos completos de estudo), também a mais alta entre as quatro comunidades analisadas (6,1 anos). Como a taxa histórica brasileira demora cerca de uma década para que escolaridade média suba um ano, a Cidade de Deus está cerca de uma década à frente das demais favelas, mas 10 anos atrás da totalidade do estado. No item taxa de desemprego, os 22,3% registrados pela comunidade representam o recorde entre as grandes favelas cariocas (média de 19,1%) e de todas 32 regiões administrativas da cidade ou dos 92 municípios do estado. A alta taxa de desemprego não resulta de maior atividade econômica, de vez que a Cidade de Deus tem a menor taxa de participação no mercado de trabalho entre as favelas consideradas (67,9% contra 70,2% da média). A diferença fundamental na renda percebida no grupo de comunidades é a maior participação de transferências pelo estado, que é mais importante na Cidade de Deus (25,3% contra 19,4%). As condições de moradia da comunidade estão mais próximas às observadas nas grandes favelas cariocas do que no resto da cidade. No entanto, a carência de Estado aparece um pouco menos ali do que nas demais favelas.

Obviamente, simples comparações de retratos de comunidades diversas tiradas num dado ponto do tempo não são capazes de determinar relações de causalidade entre reassentamentos e

³³ Dos habitantes da Cidade de Deus, 24,2% têm renda familiar *per capita* inferior a meio salário mínimo, índice idêntico à média das demais comunidades de baixa renda analisadas. Consistentemente com as imagens do filme, a Cidade de Deus é a região administrativa carioca com maior presença de pessoas que se consideram negros ou pardos (62%), mas — diferentemente do nome — é a terceira em proporção de pessoas sem religião.

condições de moradia e de trabalho dos envolvidos. Para isso, era preciso ter uma seqüência de fotografias, de modo a permitir comparar as mesmas pessoas antes e depois da mudança⁴, ou preferivelmente um filme que acompanhasse a história de vida dessas pessoas⁵.

Serviços e Transferências Públicas

	Acesso a Serviços Públicos				Transferências
	Água rede geral	Canalização do micílio	Iluminação elétrica	Lixo coleta do	% da Renda Não Trabalho
Cidade de Deus	98.2%	98.3%	99.1%	79.1%	25.3%
Média das demais 4 favelas	97.7%	96.2%	99.4%	52.4%	19.4%
Maré	99.5%	97.5%	99.6%	85.0%	17.9%
Rocinha	95.3%	96.4%	98.3%	10.7%	18.0%
Complexo do Alemão	97.6%	92.9%	99.9%	48.8%	18.2%
Jacarezinho	98.5%	97.9%	99.7%	64.8%	23.5%
UF (Rio de Janeiro)	81.8%	92.9%	98.9%	83.0%	31.9%

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE.

Duráveis e Moradia

	Acesso a Bens Duráveis				Financiamento Habitacional	Regularização Fundiária
	Tem máquina de lavar	Tem automóvel	Tem televisão	Tem videocassete	Domicílio próprio pagando	Terreno próprio
Cidade de Deus	55.4%	19.3%	99.1%	61.0%	6.9%	82.8%
Média das demais 4 favelas	38.3%	11.9%	97.4%	53.6%	1.5%	73.1%
Maré	38.0%	14.3%	97.1%	49.6%	4.2%	67.3%
Rocinha	35.6%	8.9%	96.9%	54.1%	0.4%	71.7%
Complexo do Alemão	38.3%	15.2%	97.6%	53.9%	0.8%	82.6%
Jacarezinho	41.2%	9.0%	98.0%	56.7%	0.7%	71.0%
UF (Rio de Janeiro)	52.1%	34.2%	97.4%	57.6%	5.7%	70.6%

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE.

4. Zoom sócio-demográfico na Rocinha

A miséria atinge 19.45% da população fluminense e 14,57% dos cariocas em 2000. Importante destacar que apesar de possuir a menor proporção de pobres, a cidade do Rio dada a sua população é a que mais contribui para a pobreza total do Estado (30,35%), isso se deve ao fato de grande parte da população fluminense aí residir. Dividindo o município em Regiões Administrativas, ela varia desde menos de 4% nas RAs de Botafogo, Copacabana e Lagoa até

⁴ A programa Favela Bairro, recentemente empreendida pelo Instituto Pereira Passos é um excelente exemplo deste tipo de metodologia.

⁵ Janice Perlman realiza agora nova pesquisa de campo, entrevistando novamente moradores (e seus familiares) de algumas favelas cariocas, o que faz há cerca de 35 anos. Entre eles, ex-moradores da favela da Catacumba, removida da Lagoa Rodrigo de Freitas para a Cidade de Deus. Há cerca de um ano encontrei Janice no aeroporto de uma cidade do Nordeste, onde estava em busca de ex-moradores que tinham regressado à terra natal.

29.4% no Complexo do Alemão. Outras favelas e ressentamentos como Jacarezinho (27,54%), Cidade de Deus (26,02%), Maré (25.235) e Rocinha (21.89%) se destacam entre as regiões mais miseráveis do município. Dessa forma, o conjunto das cinco grandes favelas cariocas se equipara a periferia metropolitana fluminense (25,87% contra 24,73% de miseráveis), sendo a segunda acompanhada de maior desigualdade, enquanto nas favelas o índice de gini varia de 0.31 a 0.34, na periferia metropolitana é 0.48.

Nas tabelas do apêndice encontramos o custo da erradicação da miséria no Estado, município do Rio e em todas as regiões administrativas. Os dados mostram que seriam necessários na melhor das hipóteses R\$ 14,04 em média, por pessoa mês, para acabar com a pobreza no estado, totalizando um custo de R\$ 109 milhões mensais e R\$ 1.3 bi anuais. Analisamos o custo da erradicação da miséria sob outras duas perspectivas, como por exemplo: cada miserável fluminense deveria receber, em média R\$ 39,24; por outro lado cada não miserável deveria contribuir com R\$ 9,47, para que a miséria fosse totalmente aliviada. No conjunto de favelas, o recebimento médio por miserável seria R\$ 40,67 (R\$ 1,21 acima da periferia fluminense), enquanto a contribuição dos que estão acima da linha, R\$ 14,17 (R\$ 0,79 a mais). Os dados permitem a população em nível de localidades enxergarem a sua vizinhança desde uma perspectiva própria. Por exemplo, o déficit social da Rocinha é de 575 mil reais mensais, o que daria cerca de 3,56 reais mensais por cada não miserável da região administrativa vizinha da Lagoa (inclui Ipanema e Leblon), a mais rica da cidade. Portanto, a renda média fluminense (ou mesmo da Zona Sul Carioca) oculta a riqueza da Bélgica, a miséria da Índia e a violência da Colômbia.

MAPA DO FIM DA FOME DA POPULAÇÃO TOTAL
Rio de Janeiro - Medidas de Miséria

	% Miseráveis	Transferências Mínimas para Erradicar a Miséria			
		R\$ pessoa	R\$ total mês	R\$ não miserável	R\$ miserável
Brasil	33.15	14.04	2,371,086,203	21.00	42.35
UF - Rio de Janeiro	19.45	7.63	109,159,553	9.47	39.24
<i>Periferia Metropolitana</i>	24.73	9.81	48,251,803	13.38	39.46
<i>Município do Rio de Janeiro</i>	14.57	5.89	34,172,061	6.90	40.45
Grandes Favelas Cariocas	25.87	10.47	3,237,898	14.17	40.67
<i>Cidade de Deus</i>	26.02	11.57	439,851	15.64	44.48
<i>Complexo do Alemão</i>	29.40	11.84	769,867	16.77	40.28
<i>Jacarezinho</i>	27.54	9.91	360,977	13.67	35.97
<i>Maré</i>	25.23	9.62	1,091,600	12.87	38.14
<i>Rocinha</i>	21.89	10.22	575,604	13.09	46.70

Fonte: CPS/IBRE/FGV processando os microdados da amostra do Censo Demográfico 2000/IBGE.

Detalhamos agora um perfil dos moradores da Rocinha tendo como base os dados do Censo Demográfico de 2000. Apresentamos na tabela a seguir as principais características dos moradores de uma das comunidades de baixa renda mais conhecidas, através dos seguintes atributos sócio-demográficos: gênero, faixa etária, posição na família, escolaridade, raça, religião, estado civil, natureza da união. Incluímos também algumas variáveis de natureza econômica como setor de atividade e contribuição previdenciária.

Realizamos a seguir uma breve análise desta população comparando às características sócio-demográficas dos cariocas e dos cariocas em situação de miséria. Identificamos 56307 moradores na Rocinha, destes, 38,49% ocupam a posição de filhos nos domicílios, e 31,64% são chefes. Quando olhamos os domicílios dos cariocas em situação de miséria vemos que neste caso aqueles que ocupam a posição de filhos representam 48,12%. Um dado importante é a questão etária, o maior grupo na Rocinha é daqueles que têm entre 20 e 24 anos (12,12%), o número de pessoas idosas, é relativamente baixo, ou seja, na Rocinha temos majoritariamente mais crianças e jovens. Entre os miseráveis o grupo mais representativo é o das crianças de 0 a 4 anos (15,52%), seguido pelo grupo daqueles que têm entre 5 a 9 (13,78%) e de 10 a 14 anos (11,45%). Quando olhamos o total de cariocas (pobres e não pobres), notamos que, diferente da Rocinha e dos lugares pobres, o grupo etário mais significativo é o dos idosos (12,76%).

Na Rocinha e no município do Rio como um todo, a maioria das pessoas se denominou de cor branca, 53,86% e 58,4% respectivamente, já entre os cariocas miseráveis, a maior parte deles (44,03%) se autodenominaram de cor parda e 39,78% de cor branca.

Um dos quesitos mais importantes a ser analisado é a posição na ocupação, nos 3 universos em análise a maior parcela da população é composta por inativos: 39,35% entre os

miseráveis; 37,26% entre o total dos cariocas, e 28,96% na Rocinha. Na Rocinha o grupo dos empregados com carteira também é bastante representativo: 26,93%.

Uma outra variável social de grande importância é o nível de educação, a maioria dos cariocas (33,34%) tem de 8 a 11 anos de estudo, na Rocinha o grupo mais numeroso, 31,75%, têm de 4 a 7 anos de estudo; por outro lado, na Rocinha, aqueles que não têm nenhum grau de instrução representam o segundo grupo mais relevante. Quando nos voltamos para o grupo dos cariocas miseráveis, a situação muda, a maior parte deles não tem grau de instrução, comprovando a forte ligação existente entre miséria e baixa educação.

Sendo assim, as variáveis que mais distinguem estes três grupos são a escolaridade, a faixa etária e a raça. Resumidamente, a Rocinha é composta por crianças e jovens, que ocupam a posição de filhos no domicílio, a maioria se denomina de brancos e depois de pardos, por um lado temos um grupo numeroso que têm um nível de educação relativamente razoável (de 4 a 7 anos) contrastando com um grupo também significativo cujo nível de educação é extremamente baixo (sem instrução ou menos de 1 ano de estudo). Vimos também que a maior parte dos moradores da Rocinha é inativa e trabalhadores com carteira assinada. Podemos dizer que a Rocinha apresenta certas características similares ao conjunto do município e outras que a assemelham às localidades pobres do município.

Apresentamos abaixo a tabela completa dos Retratos Sociais da Rocinha e também detalhamos numa outra tabela esse Retrato detalhado por faixas etárias.

RETRATO SOCIAL

Universo: Membros efetivos no domicílio

	Município do Rio de Janeiro		Miserável		Rocinha	
	Total	Total	Miserável	Miserável	Total	Total
	Nº de Pessoas	Composição Vertical (%)	Nº de Pessoas	Composição Vertical (%)	Nº de Pessoas	Composição Vertical (%)
Total	5798361	100.00	844582	100.00	56307	100.00
Sexo						
Masculino	2721064	46.93	389290	46.09	27719	49.23
Feminino	3077297	53.07	455293	53.91	28588	50.77
Posição na Família						
Chefe	1919541	33.10	238258	28.21	17817	31.64
Cônjuge	1169197	20.16	129110	15.29	11102	19.72
Filho(a)	2212764	38.16	406439	48.12	21672	38.49
Pai, mãe, sogro(a)	85900	1.48	5361	0.63	347	0.62
Neto(a)	167602	2.89	39019	4.62	1804	3.20
Irmão, irmã	79918	1.38	8144	0.96	1270	2.26
Outro parente	127580	2.20	15435	1.83	1689	3.00
Agregado	35859	0.62	2817	0.33	608	1.08
Faixa etária						
0 a 4	447063	7.71	131098	15.52	6138	10.90
5 a 9	433332	7.47	116359	13.78	5399	9.59
10 a 14	441613	7.62	96686	11.45	4680	8.31
15 a 19	501546	8.65	84316	9.98	5404	9.60
20 a 24	507406	8.75	67660	8.01	6826	12.12
25 a 29	463798	8.00	59926	7.10	6048	10.74
30 a 34	439121	7.57	59761	7.08	5343	9.49
35 a 39	454426	7.84	59046	6.99	4499	7.99
40 a 44	431442	7.44	48271	5.72	3617	6.42
45 a 49	380790	6.57	34239	4.05	2698	4.79
50 a 54	315859	5.45	24226	2.87	1996	3.54
55 a 59	242069	4.17	17303	2.05	1164	2.07
60 ou mais	739896	12.76	45690	5.41	2495	4.43
Cor ou raça						
Branca	3400298	58.64	336002	39.78	30326	53.86
Preta	541996	9.35	123577	14.63	4888	8.68
Amarela	12916	0.22	1760	0.21	0	0.00
Parda	1785680	30.80	371874	44.03	20501	36.41
Indígena	15345	0.26	2477	0.29	40	0.07
Outras	42127	0.73	8892	1.05	553	0.98
Religião						
Sem religião	771806	13.31	174943	20.71	7608	13.51
Católica	3546767	61.17	435348	51.55	38925	69.13
Evangélica	1067722	18.41	201431	23.85	8446	15.00
Espiritualista	203284	3.51	8204	0.97	240	0.43
Afro-brasileira	101947	1.76	11957	1.42	345	0.61
Orientais	56917	0.98	2545	0.30	181	0.32
Outras	49918	0.86	10156	1.20	562	1.00
Anos de Estudo						
Sem instrução ou menos	945416	16.30	266938	31.61	15245	27.07
1 a 3	661100	11.40	155195	18.38	11147	19.80
4 a 7	1405515	24.24	248005	29.36	17875	31.75
8 a 11	1933383	33.34	158276	18.74	10391	18.45
12 ou mais	833395	14.37	13052	1.55	1224	2.17
Ignorado	19551	0.34	3118	0.37	426	0.76
Natureza da última						
Casamento civil	1447715	24.97	92167	10.91	5621	9.98
Só casamento civil	640399	11.04	74141	8.78	5901	10.48
Só casamento religioso	34500	0.59	4199	0.50	840	1.49
União consensual	1092097	18.83	196280	23.24	17072	30.32
Nunca viveu	1703255	29.37	230339	27.27	15336	27.24
Ignorado	880396	15.18	247457	29.30	11537	20.49
Estado Civil						
Casado(a)	1770445	30.53	152898	18.10	11741	20.85
Desquidado(a)	132100	2.28	10902	1.29	612	1.09
Divorciado(a)	149077	2.57	9303	1.10	494	0.88
Viúvo(a)	329628	5.68	24499	2.90	1475	2.62
Solteiro(a)	2536716	43.75	399524	47.30	30448	54.07
Ignorado	880396	15.18	247457	29.30	11537	20.49
Posição na Ocupação						
Desempregado	441442	7.61	136522	16.16	4921	8.74
Inativo	2160433	37.26	332360	39.35	16304	28.96
Funcionário Público	167543	2.89	1805	0.21	322	0.57
Empregado com carteira	1114682	19.22	51660	6.12	15164	26.93
Empregado sem carteira	435192	7.51	42597	5.04	4456	7.91
Conta-própria	497620	8.58	30211	3.58	3416	6.07
Empregador	88320	1.52	272	0.03	134	0.24
Não-remunerado	11247	0.19	1336	0.16	23	0.04
Próprio consumo	1486	0.03	362	0.04	31	0.06
Ignorado	880396	15.18	247457	29.30	11537	20.49
Contribuia para						
Contribui	1606548	27.71	60937	7.22	17096	30.36
Não Contribui	709544	12.24	67306	7.97	6450	11.46
Ignorado	880396	15.18	247457	29.30	11537	20.49

Fonte: CPS/FGV processando os microdados do Censo Demográfico 2000/IBGE

5. Os Empresários da Rocinha

O principal objetivo desta seção do trabalho é subsidiar a aplicação de políticas locais de incremento das atividades micro-empresariais nas áreas de baixa renda. Em particular, empreendemos um estudo de caso dos micro-empresários da favela Rocinha. Mais forte do que a escassez nas favelas de recursos privados, seja capital físico, humano ou social, é a escassez de serviços e políticas públicas. Neste sentido o universo aqui analisado constitui num laboratório privilegiado acerca dos constrangimentos e carências que devem ser combatidos através da ação pública e de suas possíveis interações com ações privadas.

a. Perfil dos microempresários da Rocinha

Segundo a tabela 1 abaixo, podemos verificar que os microempresários da Rocinha geralmente pertencem mais ao sexo masculino (existem 8,2% mais homens do que mulheres), são casados ou apresentam união livre (65.4%) e apresentam faixa etária de 26 a 50 anos, visto que 70,23% da população concentram-se nesta faixa de idade. Esta participação dos indivíduos em *prime-age* é bastante similar às encontradas segundo a PNAD. De acordo com esta última pesquisa, 69.31% dos conta próprias e 68.71% dos empregadores de empresas com até cinco empregados se situavam nesta faixa etária.

DADOS GERAIS

	População (%)
Sexo	
Masculino	54.10
Feminino	45.90
Idade	
15 Anos ou Menos	0.60
16 a 20 Anos	4.71
21 a 25 Anos	6.21
26 a 30 Anos	12.22
31 a 35 Anos	15.03
36 a 40 Anos	18.24
41 a 45 Anos	12.32
46 a 50 Anos	12.42
51 a 55 Anos	8.12
56 a 60 Anos	4.61
61 a 65 Anos	3.51
66 a 70 Anos	1.10
Mais de 70 Anos	0.90
Estado Civil	
Solteiro	23.50
Casado/União Livre	65.40
Separado/Divorciado	7.80
Viúvo	3.30

Fonte : Rocinha

De acordo com a tabela 2 abaixo, nota-se que entre os microempresários da Rocinha predomina a baixa escolaridade, pois o analfabetismo abrange 11,81% da população e 66,56% da população era alfabetizado, mas possuía apenas o 1^o grau (completo ou incompleto). De acordo com a PNAD de 1996 existia entre os conta-próprias cariocas 6,34% de analfabetos e 51.53% de alfabetizados com até o 1^o grau completo. Estas mesmas estatísticas sobem respectivamente para 2.41% e 49.17% entre empregadores com até cinco empregados.

O baixo nível de educação dos micro-empresários da Rocinha pode ser também captado pela baixa participação relativa daqueles com 2^o grau completo: 8.9% entre os microempresários da Rocinha contra 12.66% e 24.89% com superior incompleto entre os conta-próprias e empregadores com até cinco empregados Cariocas. A escassez de capital humano entre os micro-empresários da Rocinha pode se apresentar como um importante redutor da taxa de retorno dos outros tipos de capital utilizados pelos microempresários.

Os microempresários da Rocinha normalmente possuem imóvel próprio (82,68%). Embora a pesquisa não apresente a participação de direitos formais de propriedade que poderiam facilitar o uso do imóvel como colateral de empréstimos. Apenas 14.21% habitam imóveis alugados.

Quanto à ocupação dos microempresários da Rocinha, eles geralmente são biscateiros ou dedicam-se à produção doméstica (33,4%), são micro ou pequeno proprietário (43,8%), ou ainda são autônomos, do tipo, chofer, caminhoneiro, pedreiro, corretor, técnico, professor particular (14,63%), conforme a tabela 2.

A variável econômica síntese da pesquisa talvez seja a renda familiar desses microempresários. Nota-se que a renda mensal familiar concentra-se na faixa de 200 a 800 reais, visto que enquanto 45,81% dos microempresários da Rocinha se inserem nesta faixa, somente 15,57% dos microempresários recebe de 1000 a 1500 reais como renda mensal familiar e apenas 17,56% ganha mais de 1.500 reais. (vide tabela 2)

Quanto às características de fecundidade: 80,10% dos microempresários da Rocinha têm filhos: 78,35% têm até 3 filhos e 87,7% dos seus domicílios são constituídos por até 5 pessoas.

Em resumo, os atributos pessoais predominantes entre os micro-empresários da Rocinha são os seguintes:

- (i) 54.1% são homens;
- (ii) 70.23% encontram-se na faixa de idade de 26 a 50 anos;
- (iii) 65.4% são casados/união livre;
- (iv) 80.1% têm filhos;

- (v) 82.68% moram em imóvel próprio;
- (vi) 78.37% possuem apenas até o primeiro grau completo;
- (vii) 66.87% pertencem à faixa de renda familiar até 1.000 reais;
- (viii) 33,4% são biscateiros ou dedicam-se à produção doméstica, 43,8% são micro ou pequeno proprietários, 14,63% são autônomos do tipo, chofer, caminhoneiro, pedreiro, corretor, técnico, professor particular.

DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

		População (%)
Nível Escolar		
	Analfabeto	11.81
	1º Grau Completo	53.75
	1º Grau Incompleto	12.81
	2º Grau Completo	4.10
	2º Grau Incompleto	10.41
	2º Grau Técnico Incomp./Comp	2.30
	Superior Incomp./Comp	4.80
Ocupação		
	Funcionário de Alto/Médio Escalão	1.24
	Funcionário de Baixo Escalão	2.18
	Profissional Liberal com Curso Superior	0.73
	Autônomos (corretor, técnico, prof. particular)	4.67
	Autônomos (chofer, caminhoneiro, pedreiro)	9.96
	Biscateiro, Produção doméstica	33.40
	Médio ou grande proprietário	0.21
	Pequeno proprietário	16.29
	Micro proprietário	27.59
	Empregados domésticos	1.04
	Outros	2.70
Renda Mensal Familiar		
	Até 200 reais	9.28
	200 a 400 reais	14.97
	400 a 600 reais	16.47
	600 a 800	14.37
	800 a 1000	11.78
	1000 a 1500	15.57
	1500 a 2000	9.08
	Mais de 2000	8.48
Nº de Pessoas no Domicílio		
	Até 2 Pessoas	22.40
	3 Pessoas	26.20
	4 Pessoas	23.10
	5 Pessoas	16.00
	6 Pessoas	5.00
	7 Pessoas ou mais	7.30
Tem Filhos		
	Quantos Filhos	80.10
	1 Filho	33.42
	2 Filhos	28.66
	3 filhos	16.27
	4 Filhos	11.14
	5 Filhos ou mais	10.51
Tipo de Domicílio		
	Imóvel próprio	82.68
	Imóvel alugado	14.21
	Imóvel de familiares	2.80
	Outros	0.30

Fonte : Rocinha

b. Perfil dos Empregados em Microempresas da Rocinha

A fim de completar a análise dos recursos humanos das microempresas da Rocinha analisamos o perfil dos empregados e dos familiares ocupados nestes empreendimentos.

56,9% das microempresas da Rocinha não recebem qualquer ajuda da família, segundo a tabela 3. Ou seja, 43,1% dos microempresários são auxiliados por suas respectivas famílias, revelando a importância relativa da célula básica do tecido social, a família, como insumo das atividades microempresariais locais. 38,42% do total de microempresários recebem auxílio familiar por intermédio do trabalho de seus membros, principalmente do cônjuge (20%) e de seus filhos (16,20%) e somente 3,3% dos microempresários recebe dinheiro da família como forma de ajuda.

As microempresas da Rocinha geralmente não contam com a ajuda de mais nenhum funcionário em seus empreendimentos, além de seus próprios familiares (76,82%). 18,1% das microempresas da Rocinha possuem 1 ou 2 pessoas auxiliando suas atividades, enquanto 5,1% possuem três ou mais funcionários.

A maior parte dos funcionários contratados pelas microempresas da Rocinha são fixos (81,7%) e quando decidem empregar trabalhadores ocasionais, os microempresários normalmente contratam apenas um funcionário (73,81%). Além disso, nota-se que normalmente as microempresas decidem contratar apenas 1 funcionário fixo (53,61%) ou no máximo de 2 a 5 funcionários fixos (39,7%), mas muito dificilmente elas contratam mais de 5 funcionários (1,3%).

A faixa etária dos funcionários das microempresas da Rocinha situa-se entre 19 a 35 anos de idade, pois tal faixa de idade representa 54,44% dessa população. Portanto, como somente 22,22% dos funcionários das microempresas situam-se na faixa etária de 35 a 50 anos, podemos dizer que os funcionários são relativamente jovens.

Nesse sentido, ao compararmos os dados referentes à idade dos microempresários e de seus funcionários (respectivamente, tabelas 1 e 3), podemos concluir que os funcionários das microempresas sejam mais jovens que os seus patrões, uma vez que:

(i) de um lado, 44,34% dos funcionários situam-se na faixa de idade até os 25 anos, tal porcentagem cai para 11,52%, ao considerarmos os proprietários das microempresas.

(ii) por outro lado, 47,03% dos funcionários situam-se na faixa de idade de 26 a 50 anos, tal porcentagem sobe para 70,03%, ao considerarmos os proprietários das microempresas.

Em suma, a análise do trabalho adicional em relação ao desenvolvido pelos proprietários revela a importância do trabalho dos cônjuges e de filhos, evidenciando a importância do

chamado capital social aqui representado através da família na operação destes empreendimentos. As microempresas da Rocinha geralmente não contam com a ajuda de mais nenhum funcionário em seus empreendimentos, além de seus próprios familiares (76,82%), sendo 18.3% destes funcionários ocasionais e em geral jovens (44,34% até 25 anos de idade). Apenas 5.1% das microempresas possuem três ou mais funcionários.

DADOS DOS FUNCIONÁRIOS DAS MICROEMPRESAS

		População (%)
Ajuda Familiar		
	Não tem	56.90
	Dinheiro	3.30
	Trabalho	38.42
	Filhos	16.20
	Cônjuge	20.00
	Pais	3.10
	Outros Parentes	11.70
	Outra forma de Ajuda	1.38
	Compra Produto p/negócio	0.43
	Entrega encomendas	0.26
	Divulgação	0.26
	Outros	0.43
nº de Pessoas que Ajudam na Atividade além do Familiares		
	Nenhuma	76.82
	1 Pessoa	12.99
	2 Pessoas	5.09
	3 a 5 Pessoas	3.80
	Mais de 5 Pessoas	1.30
Funcionários		
	Fixos	81.70
	1 Funcionário	53.61
	2 Funcionários	22.16
	3 a 5 Funcionários	17.53
	Mais de 5 Funcionários	6.70
	Ocasionais	18.30
	1 Funcionário	73.81
	Mais de 2 Funcionários	26.19
Faixa de Idade dos Funcionários		
	Menores de 14 Anos	1.85
	14 a 18 Anos	12.96
	19 a 25 Anos	29.63
	26 a 35 Anos	24.81
	35 a 50 Anos	22.22
	Maiores de 50 Anos	8.52

Fonte : Rocinha

c. Perfil das Microempresas da Rocinha

De acordo com a tabela 4 abaixo, constatamos que as microempresas da Rocinha apresentam como atividades principais a venda de produtos alimentícios (21,93%), a posse de bar/birosca (18,94%) e a realização de serviços diversos (13,16%). Em termos mais genéricos, a atividade de vendas supera a atividade de serviços nas microempresas da Rocinha.

A maioria dos microempresários da Rocinha não tem outra atividade e dedica-se apenas a sua atividade principal (87,75%), e entre os 12,25% que desempenham uma atividade empresarial complementar, nota-se mais da metade destas atividades extra (6,57% do total) se refere à venda de produtos alimentícios, roupas e acessórios e cerca de 25% (3% do total) se refere a biscates e serviços diversos.

Em consonância com os dados do último parágrafo, a grande maioria dos microempresários pobres da Rocinha não tem acesso a outras fontes de renda (74,47%) e apenas 16,92% desses microempresários possuem outro negócio ou um emprego como outra fonte de renda. As aposentadorias e pensões complementam a renda de apenas 2,6% da população.

Quanto à intensidade das atividades microempresariais 94,71% se ocupam durante os 12 meses por ano, 73,27% operam em mais de 5 dias por semana e 91,5% dedicam acima de 5 por dia à atividade.

Quanto à sazonalidade dos negócios, apesar de 30,40% dos microempresários não considerar que existam melhores épocas para o trabalho, mas 45,5% consideram sub-períodos do verão carioca representados por itens como mês de dezembro, o fim de ano, o ano novo e o verão os melhores períodos do ano para o desempenho de suas atividades. Este tipo de informação explorado nos últimos dois parágrafos pode ser útil na formulação do fluxo de pagamento dos contratos de crédito.

Os microempresários da Rocinha realizam tal atividade entre 1 a 5 anos (37,75%), mas nota-se que enquanto 74,47% da população desempenham essa atividade a menos de 10 anos, apenas 19,72% a desempenham há 11 anos ou mais.

DADOS OCUPACIONAIS

	População (%)
Atividade Principal	
Serviços Diversos	13,16
Biscates, Chaveiro, Etc	10,27
Costura	4,29
Diarista/Babá/Cozinheira/Chofer	11,47
Bar/Birosca	18,94
Venda, Roupas e Acessórios	9,17
Venda de Produtos Alimentícios	21,93
Venda Diversos	10,77
Outra Atividade	
Não tem outra Atividade	87,75
Serviços Diversos	1,39
Biscates, Chaveiro, Etc	1,59
Costura	0,50
Diarista/Babá/Cozinheira/Chofer	0,70
Bar/Birosca	0,70
Venda, Roupas e Acessórios	2,49
Venda de Produtos Alimentícios	4,08
Venda Diversos	0,80
Tempo que realiza a atividade	
Menos de 1 ano	21,61
1 a 5 anos	37,35
6 a 10 anos	18,43
11 a 15 anos	7,57
16 a 20 anos	6,77
21 a 25 anos	2,89
26 a 30 anos	3,09
Mais de 30 Anos	2,29
Outras Fontes de Renda	
Não tem Outras Fontes de Renda	74,47
Outro Negócio	7,31
Emprego	9,61
Aluguel	5,11
Outros	3,30
Aposentadoria e Pensões	2,60
Não Sabe/Não Respondeu	0,20
Horas Por Dia que Dedicar a Atividade	
Até 4 Horas	8,50
5 a 8 Horas	28,20
9 a 12 Horas	47,60
Mais de 12 Horas	15,70
Dias Por Semana que se Dedicar a Atividade	
Até 5 Dias	26,73
Mais de 5 Dias	73,27
Meses Por Ano que se Dedicar a Atividade	
Até 11 Meses	5,29
12 Meses	94,71
Melhores Épocas para o Trabalho	
Não Existe	30,40
Início do Mês	3,10
Final do Mês	2,54
Dezembro	4,76
Fim de Ano e Ano Novo	21,13
Inverno	3,32
Verão	19,59
Outros	15,16

FONTE: ROCINHA

6. Conclusões e extensões

As safras de microdados da década de 1990 colhidas comprovaram que a crise social se instalou nas metrópoles brasileiras⁶. Como exemplo extremo, a taxa de miséria no município de São Paulo aumenta cerca de 50% entre 1991 e 2000. No município do Rio de Janeiro a miséria cai 19% neste período, o que representa uma inversão da decadência de desempenho relativo frente a São Paulo, observada nas décadas anteriores. No período 2000-02 observamos a continuidade desta tendência: a taxa de miséria baseada em renda do trabalho sobe 1,57% no município de São Paulo e cai 1,68% no do Rio. Neste mesmo período a taxa de miséria sobe mais nas periferias destas capitais, 10,4% e 18,3%, o que faz com que o aumento da miséria na Grande São Paulo seja inferior a do Grande Rio, 5,3% contra 7,3% (média móvel de 12 meses segundo cálculos feitos sobre os microdados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME/IBGE)).

O ônus da crise se concentra no espaço metropolitano, já o bônus dos novos programas sociais se dirige para os grotões de miséria. Isto vale para a implantação de programas Constitucionais como a Previdência Rural e o Benefício de Prestação Continuada; para programas ad-hoc emergenciais do final da década de 90 como as frentes de trabalho contra a seca no nordeste; para as bolsas do projeto Alvorada (Escola, Alimentação etc) implantados a partir de 2000, para as ações do Fome Zero e mais recentemente para o advento do Bolsa Família.

a. Extensões

Pesquisas de opinião apontam o desemprego e a violência como os dois problemas a ocupar mais as preocupações dos brasileiros. Os números do desemprego e da violência brasileira têm a cara dos jovens periferias e das favelas metropolitanas. Marcos Lisboa e Mônica Viegas exploram a relação entre as duas variáveis⁷. Eles demonstraram que as condições de desemprego durante a juventude são determinantes da probabilidade de o indivíduo ser vítima de homicídio. Esta probabilidade é maior durante todo o ciclo de vida do sujeito, e não apenas durante a fase que o desemprego está alto. Os jovens tragados por atividades criminosas tendem a não mudar de vida mesmo que a macroeconomia reaja favoravelmente. Estes custos permanentes do desemprego se aplicam em particular às grandes metrópoles brasileiras que, nos últimos anos, foram, e continuam sendo o epicentro da nossa crise econômica e social. Nesse

⁶ Néri (2006) demonstra que a chamada crise metropolitana pelo menos no que tange a indicadores sociais baseados em renda como pobreza se prolonga até 2003 sofrendo uma reversão desde então.

⁷ Richard Freeman mostra que se incorporássemos à relativamente baixa taxa de desemprego americana, o contingente de presidiários, a mesma mudaria de patamar, ficando mais próximas das congêneres européias.

sentido, as mudanças na política social, ocorridas na última década, como a expansão da previdência rural patrocinada pela Constituição de 1988, o projeto Alvorada de Fernando Henrique, ou mesmo o Fome Zero de Lula são altamente meritórias, mas não compensam este quadro. Pois o bônus das novas ações foi para os grotões de miséria, enquanto o ônus das crises recentes está concentrado nas grandes cidades. Os números do desemprego e da violência brasileira têm a cara dos jovens das periferias. A taxa de desemprego entre 15 e 29 anos é 22.6%, quatro vezes e meia maior do que as do grupo de 35 a 39 anos de idade. Cabe lembrar que a taxa de desemprego dos jovens quadruplicado entre 1989 e 2001. Apesar do quadro de desespero inercial traçado acima, os novos tempos trazem bons augúrios que talvez permitam à sofrida juventude metropolitana reverter esta tendência.

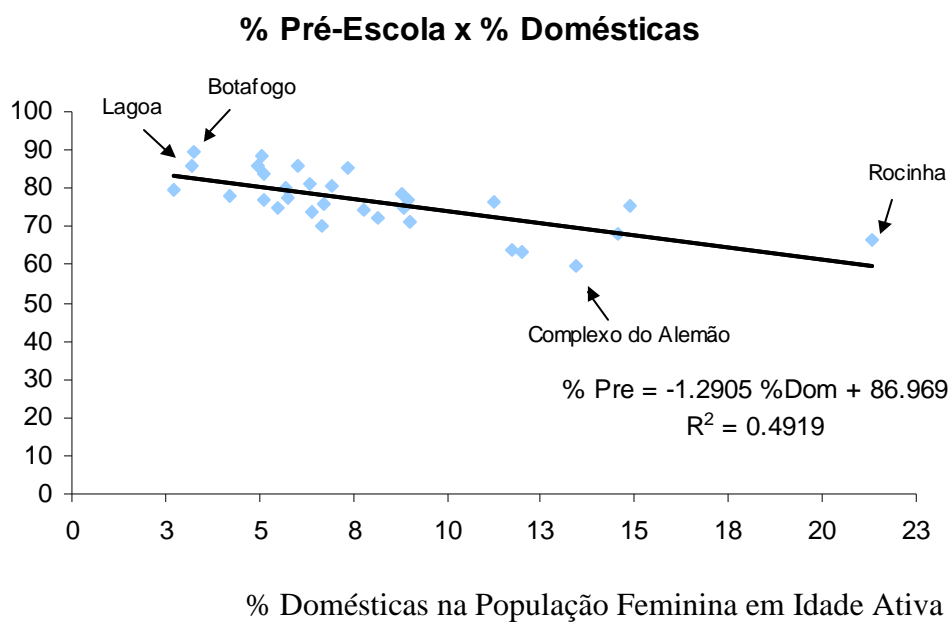
Steven Levitt, o autor do best seller *Freaknomics* causou espanto ao revelar como a principal causa da redução da criminalidade em estados americanos em meados da década de 90, a lei de aborto promulgada duas décadas antes. A idéia é tão simples quanto politicamente incorreta como muitas vezes a vida é (embora não gostemos disso): o fato da lei diminuir o nascimento de filhos indesejados de pobres mulheres solteiras gerou uma redução da oferta de criminosos duas décadas depois! No Brasil, a contrapartida feminina da predisposição de jovens homens solteiros a atividades criminosas⁸ é a incidência da gravidez precoce que sobe de 7,97% para 9.1% entre 1980 e 2000 enquanto a taxa de fecundidade para todos os grupos etários cai de 4.4 para 2.3 filhos por mulher. Em particular, enquanto a taxa de fecundidade entre as moradoras de 40 a 45 anos de favelas cariocas é duas vezes maior que aquelas em bairros de alta renda, entre as adolescentes dos morros cariocas a taxa é cinco vezes maior que as adolescentes dos bairros de alta renda (0,27 filhos por menina entre 15 a 19 anos na Rocinha contra 0,054, na Lagoa respectivamente). Se o Brasil não revolucionar a educação reprodutiva dos jovens em áreas de alta violência, vamos colher mais e mais tragédias como as recentes noticiadas. A Rocinha é a região administrativa da cidade com o menor nível de educação da população em geral e da população ocupada entre todas do município do Rio de Janeiro.

No que tange ao último aspecto, países e pais que cuidam de suas crianças, desde a sua idade mais tenra, viabilizam seu futuro. James Heckman, o Nobel de Economia, Flávio Cunha, recém contratado pela EPGE/FGV, nos brindam com suas mais recentes descobertas sobre a importância da Educação na Primeira Infância. Elas demonstram que crianças que tiveram a

⁸ Neri (2004) isola fatores de risco associados à chance de cada indivíduo estar ou não presidiário, comparando-se pessoas com as demais características iguais exceto uma. Por exemplo: comparamos homens e mulheres com atributos iguais, isto é descontando o fato de que mulheres, na média, têm mais educação do que homens entre outras características. O exercício confirma que o principal fator de risco é o sexo. Os homens têm 46.3 vezes mais chance de estarem presidiários do que as mulheres, considerando as demais características iguais.

oportunidade de frequentar o equivalente a creches e pré-escolas, apresentaram na idade adulta renda mais alta e probabilidades mais baixas de prisão, de gravidez precoce e de depender de programas de transferência de renda do estado no futuro. Ou seja, acaba sendo mais produtivo do ponto de vista social e fiscal, prevenir do que remediar, investindo desde a primeira infância. A educação nesta primeira fase da vida constitui o verdadeiro custo de oportunidade social – qual seja a oportunidade de investimento com maior retorno social disponível. E mais: quanto menor for a idade da criança objeto do investimento educacional recebido, mais alto será o retorno percebido.

Observamos abaixo uma visão local através de gráfico com as regiões administrativas do município do Rio de Janeiro, plotando a relação entre a proporção de crianças de 4 a 6 anos na pré-escola e a proporção de empregadas domésticas morando na respectiva localidade. Entre as mulheres adultas da Rocinha 21% são domésticas (ou 47% das ocupadas). Notamos em lugares mais pobres, nas favelas em particular, a proporção de domésticas em idade ativa cai com o aumento da taxa de crianças na pré-escola. Estas pobres mulheres vão cuidar dos filhos de outras e deixam os seus filhos em casa, fora da pré-escola.



O chamado jeitinho brasileiro perpassa várias esferas das nossas vidas privadas, mas está presente acima de tudo nas relações econômicas com o estado, aí incluindo aquelas de natureza trabalhista, consumidora e empresarial. É sempre bom rever conceitos e cifras relativas à evasão tributária que constitui junto com o futebol, o esporte nacional. A diferença é que a maioria dos

Em seguida, a léguas de distancia, está o estado civil. Ser solteiro é um importante fator de risco 4.8 vezes maior que os demais. Depois vem o fator idade.

brasileiros é apenas tele-espectadora do esporte bretão enquanto uma parcela substancial e desconhecida da nossa população é praticante da informalidade. Na verdade, a característica essencial da evasão tributária é ter poucos espectadores. A informalidade está associada a encargos fiscais crescentes imprimidos pelos vários níveis de governo, sem que correspondentes benefícios sociais sejam percebidos coletiva ou individualmente. A taxa de informalidade elétrica em favelas e outras ocupações ilegais é de 41.2% diante de 4.43% dos condomínios de casas e apartamentos, o que evidencia uma correlação forte entre informalidades fundiária e elétrica. A taxa de informalidade varia substancialmente entre as regiões metropolitanas pesquisadas, indo de 3.27%, em Belo Horizonte, a 16.2%, em Salvador. No Sudeste, o Rio de Janeiro é a que apresenta a taxa mais próxima dos níveis nordestinos, com 10.6%. Esse resultado seria consistente com a alta informalidade trabalhista observada no mercado de trabalho do Rio⁹. A comparação revela ainda que a chance de um morador do Rio ser gato é 98.96% acima dos paulistanos. Agora, quando comparamos moradores dessas duas metrópoles com características, como as citadas acima, exatamente iguais, essa estatística cai para 97.57%. Ou seja, a alta informalidade elétrica dos moradores do Rio é muito pouco explicada pela posse de características associadas aos gatos e mais como um atributo específico da região.

A informalidade previdenciária é principalmente um fenômeno de evasão fiscal fornecendo indícios sobre o não pagamento de impostos e encargos trabalhistas. Esta última escolha se deve ao fato da amostra do Censo Demográfico 2000 permitir analisar a informalidade previdenciária no nível de cada municipalidade isolada, pela alta taxa de amostragem utilizada (cerca de 10% da população) vis a vis a de outras pesquisas. Segundo dados do Censo Demográfico 2000, existem 63,4% dos trabalhadores ocupados fluminenses contribuem para a Previdência Social. Não se deve olhar os diversos tipos de informalidade (trabalhista, previdenciária, empresarial, fundiária e mesmo elétrica) de maneira isolada, mas quantificar complementaridades e substituições entre diferentes tipos. Por exemplo, se tomarmos as cinco maiores regiões administrativas cariocas, as grandes favelas cariocas como Complexo do Alemão, Jacarezinho, Rocinha e Maré, que figuram entre as mais pobres da cidade, não figuram entre as cinco mais informais. Ou seja, as informalidades fundiária e previdenciária não andam de mãos dadas nesse caso, conforme se poderia esperar. Analisando internamente o município do Rio de Janeiro, Vila Isabel é líder em formalização (77,24%). Em seguida, Botafogo (76,54%), Lagoa (76%), Tijuca (75,51%) e Méier (73,80%). Entre os 5 menos, 4 são da zona oeste do município. Guaratiba com 53,56% é o mais informal.

⁹ Entretanto, a relação entre informalidade laboral e energética não é muito expressiva: entre aqueles domicílios cujo chefe contribui com a previdência, a informalidade elétrica é de 10.9% ante 9.4% das demais.

Ocupados - % Contribui

→ Mais

○ Vila Isabel	77.24
○ Botafogo	76.54
○ Lagoa	76.00
○ Tijuca	75.51
○ Méier	73.80

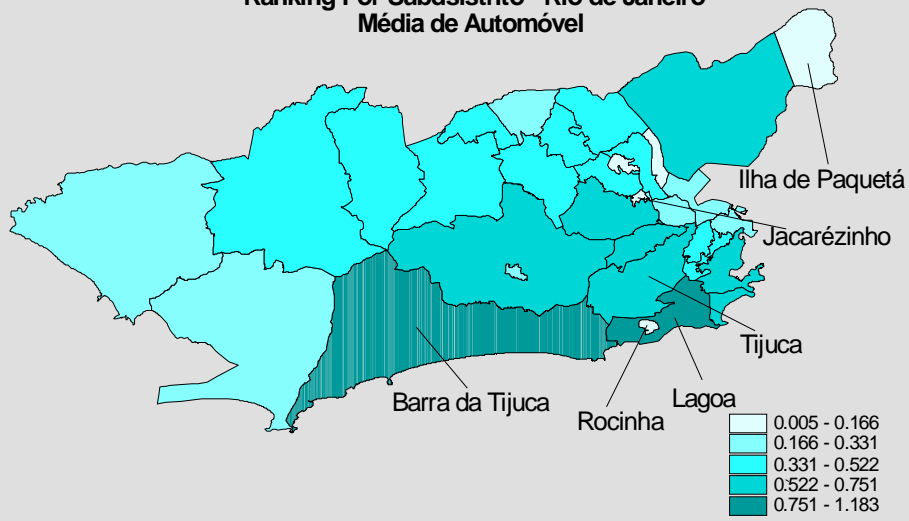
→ Menos

○ Guaratiba	53.56
○ Ilha de Paquetá	53.92
○ Santa Cruz	60.87
○ Campo Grande	63.41
○ Bangu	63.57

Um banco de dados da sociedade

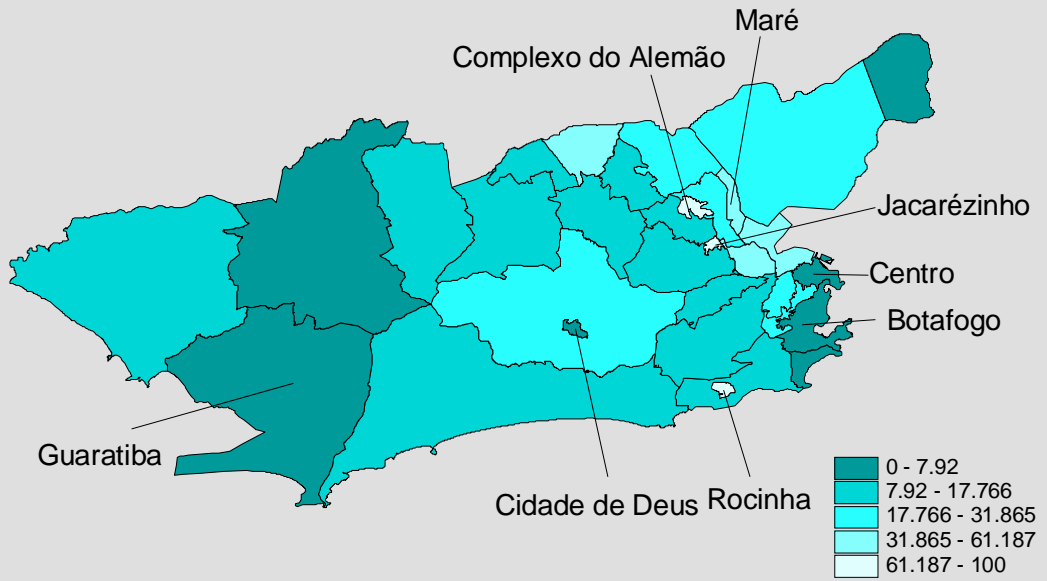
O *Mapa do fim da fome II* é um banco de dados georeferenciado permitindo a localização física dentro de estados e municípios das áreas sujeitas às condições sociais mais adversas. Contém um amplo conjunto de informações sobre riquezas e carências das localidades. Estas informações podem ser estendidas em diversas direções desejadas e são passíveis de serem levantadas em qualquer estado ou município brasileiro, constituindo num poderoso instrumento para que a sociedade e governos possam elaborar programas focados de desenvolvimento social.

**Ranking Por Subdistrito - Rio de Janeiro
Média de Automóvel**



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo demográfico de 2000/IBGE

**Taxa de Moradores em Favelas (%)
Regiões Administrativas - Rio de Janeiro**



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo demográfico de 2000/IBGE

7. Conclusões

A pesquisa indica que a miséria atinge 14,57% dos cariocas em 2000 varia desde menos de 4% nas RAs de Botafogo, Copacabana e Lagoa até 29.4% no Complexo do Alemão. Outras favelas e ressentamentos como Jacarezinho (27,54%), Cidade de Deus (26,02%), Maré (25.235) e Rocinha (21.89%) se destacam entre as regiões mais miseráveis do município. Os dados permitem a população a nível de localidades enxergar a sua vizinhança desde uma perspectiva própria. Por exemplo, o déficit social da Rocinha é de 575 mil reais mensais, o que daria cerca de 3,56 reais mensais por cada não miserável da região administrativa vizinha da Lagoa (inclui Ipanema e Leblon), a mais rica da cidade. Portanto, a renda média da zona sul carioca oculta a riqueza da Bélgica, a miséria da Índia e a violência da Colômbia.

MAPA DO FIM DA FOME DA POPULAÇÃO TOTAL *Rio de Janeiro - Medidas de Miséria - Linha de R\$79**

Rio de Janeiro	Subdistrito	% Miseráveis	Transferências Mínimas para Erradicar a Miséria			
			R\$ pessoa	R\$ total mês	R\$ não miserável	R\$ miserável
Brasil		33.15	14.04	2,371,086,203	21.00	42.35
UF - Rio de Janeiro		19.45	7.63	109,159,553	9.47	39.24
<i>Município do Rio de Janeiro</i>		14.57	5.89	34,172,061	6.90	40.45
	Lagoa	3.99	1.78	299,310	1.85	44.55
	Rocinha	21.89	10.22	575,604	13.09	46.70

Fonte: CPS/IBRE/FGV processando os microdados da amostra do Censo Demográfico 2000/IBGE.

Finalmente, é importante precisar se apenas atributos pessoais como gênero, raça, idade, escolaridade, etc explicam a totalidade dos diferenciais de renda, ou se existe discriminação contra o favelado, no sentido de que pessoas com atributos observáveis similares têm acesso a oportunidades de trabalho e de renda diferentes. Uma forma de fazer isso é comparar a renda familiar per capita de todas as fontes de moradores das favelas com os de outras regiões com os mesmos atributos observáveis (sexo, raça, e polinômios de idade e escolaridade – vide ANEXO B). Os resultados confirmam que os diferenciais controlados de renda per capita de pessoas nas cinco comunidades de baixa renda analisadas são até 115.8% menores do que na região administrativa da Lagoa, aquela que apresenta a maior renda. Ou seja, os dados comprovam a existência de um viés de renda contra o favelado.

Diferenciais de Renda Familiar Per Capita (base Jacarezinho)	
---	--

População entre 15 e 65 anos de idade			
	<i>Estimativas</i>		
	<i>Não Controladas</i>		<i>Controladas**</i>
Complexo do Alemão	-1.74%		3.39%
Jacarezinho	0.00%	<i>B</i>	0.00%
Maré	7.88%	*	12.98%
Santa Cruz	9.69%	*	1.72%
Guaratiba	10.44%	*	5.96%
Cidade de Deus	14.52%	*	9.69%
Rocinha	18.31%	*	25.11%
Pavuna	26.00%	*	11.73%
Bangu	34.76%	*	18.14%
Portuária	36.34%	*	27.67%
Campo Grande	38.41%	*	18.78%
Anchieta	45.15%	*	22.63%
Realengo	49.80%	*	25.31%
Penha	51.47%	*	25.65%
São Cristóvão	57.02%	*	32.39%
Madureira	61.27%	*	28.96%
Inhaúma	64.08%	*	31.01%
Ramos	68.55%	*	35.64%
Rio Comprido	68.75%	*	35.89%
Irajá	76.40%	*	37.36%
Ilha de Paquetá	78.78%	*	51.89%
Jacarepaguá	82.65%	*	46.82%
Santa Teresa	85.54%	*	47.54%
Ilha do Governador	96.06%	*	53.75%
Méier	101.43%	*	50.03%
Centro	113.17%	*	66.26%
Vila Isabel	147.78%	*	75.43%
Tijuca	155.25%	*	78.91%
Barra da Tijuca	172.05%	*	103.61%
Botafogo	182.60%	*	97.29%
Copacabana	183.49%	*	99.32%
Lagoa	205.29%	*	115.80%
<i>Fonte: CPS/FGV/IBRE a partir dos microdados do Censo Demográfico 2000.</i>			
<i>B: Todos os dados estão em comparação com o Jacarezinho (variável omitida na regressão).</i>			
<i>* Estatisticamente significativa ao nível de confiança de 95%.</i>			
<i>** Controlada pelas variáveis: sexo, cor ou raça, idade, educação, uf e tamanho de cidade.</i>			

De maneira geral, os vieses observados na renda, jornada e retorno do estudo das pessoas em favelas pode ser sintetizada através do diferencial de salário-hora por ano de estudo de cerca de 307% entre os dois grupos de localidades. Um fato que chama a atenção é que apesar de todas as adversidades enfrentadas pelo trabalhador das comunidades de baixa renda, a renda do trabalho desempenha lá um papel mais fundamental: cerca de 81% de todas as fontes de renda nestas áreas advém do trabalho contra 63% das áreas de renda mais alta. Agora quando estendemos a análise para a periferia do Grande Rio notamos áreas onde a renda total e a aquela proveniente de transferências do Estado se situam ambas a níveis de 20 a 25% menores que as

das grandes favelas cariocas¹⁰. Ou seja, apesar das agruras da vida privada das favelas cariocas, e da periferia fluminense, a maior carência parece ser a de estado.

¹⁰ O exemplo mais marcante é Engenheiro Pedreira, distrito de Japeri, que apresenta o maior déficit per capita de pobreza de todo estado superando inclusive o de áreas com São Francisco de Itabapoana no Norte Fluminense (veja o detalhamento a nível de regiões administrativas cariocas e subdistritos fluminenses. De toda a forma a taxa de pobreza nestes locais é enos da metade a de municípios mais pobres brasileiros como Centro do Guilherme no Maranhão.

7. Referências

AMADEO, E.; et al. *Institutions, the labor market and the informal sector in Brazil*. Washington: **Inter-American Development Bank**, 1992.

AMADEO, E.; GILL, I.; NERI, M.C. Assessing the impact of labor regulations on informal workers in Brazil. In: GILL, I.; MONTENEGRO, C.; DOMELAND, D. (Eds.). *Crafting Labor Policy: Techniques and Lessons from Latin America*. Oxford University Press, p. 67-95, 2002.

CAMARANO, A. A. (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros* Brasília: Ipea, 1999.

NERI, M.C., *Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas*. Brasília: MPS, 2003.

_____. *Informalidade e novas relações trabalhistas no Rio de Janeiro*. Firjan, 2006. Mimeo.

_____. *Miséria, Desigualdade e Estabilidade; O Segundo Real*, FGV, 2006.

NERI, M.C., FERREIRA, F. e LANJOUW, P. “A Robust Poverty Profile for Brazil Using Multiple Data Sources”, em *Revista Brasileira de Economia*, Vol. 57 n° 2, pp. 59-92, Rio de Janeiro, Jan/Mar 2003.

ANEXO A. MAPA DA RENDA
Rio de Janeiro - Informações dos Domicílios
Rendas Médias de Todos*

Subdistrito	Índice Gini	Nº pessoas na		Familiar per capita	Trabalho principal	Demais trabalhos
		família	Familiar			
Total da UF	0.54	3.15		413.99	281.78	11.70
Areia Branca	0.38	3.24		227.54	165.79	4.07
Nova Aurora	0.35	3.47		143.43	111.84	2.44
Jardim Redentor	0.35	3.43		169.08	130.89	2.04
Parque São José	0.34	3.42		160.25	123.88	2.54
Lote XV	0.39	3.42		189.88	147.26	1.37
Japeri	0.37	3.36		184.04	132.09	2.00
Engenheiro Pedreira	0.38	3.43		144.29	113.47	3.66
Centro de Queimados	0.40	3.25		248.49	177.46	9.33
Nordeste	0.34	3.58		135.56	102.49	2.33
Oeste	0.35	3.47		161.01	122.62	1.20
Portuária	0.39	3.12		283.52	204.20	3.04
Centro	0.41	2.25		632.06	411.93	21.15
Rio Comprido	0.47	3.05		481.76	324.58	13.78
Botafogo	0.47	2.46		1497.24	945.28	53.54
Copacabana	0.48	2.27		1632.09	828.46	46.89
Lagoa	0.52	2.58		2227.16	1401.97	68.26
São Cristóvão	0.42	3.05		363.37	249.02	6.47
Tijuca	0.47	2.78		1181.33	721.14	41.97
Vila Isabel	0.45	2.82		1005.54	640.90	46.88
Ramos	0.44	3.00		427.55	290.88	7.55
Penha	0.44	3.10		360.33	253.92	6.42
Méier	0.45	2.92		619.76	402.35	18.43
Irajá	0.42	3.10		450.26	306.39	8.11
Madureira	0.42	3.05		388.12	250.52	8.19
Jacarepaguá	0.48	3.14		527.38	378.21	14.81
Bangu	0.41	3.20		286.95	205.26	5.96
Campo Grande	0.44	3.25		304.30	215.85	7.66
Santa Cruz	0.40	3.34		212.18	150.28	3.86
Ilha do Governador	0.49	3.08		615.96	415.35	18.74
Ilha de Paqueta	0.40	2.76		457.61	233.62	16.22
Anchieta	0.40	3.19		310.10	208.28	6.28
Santa Teresa	0.49	2.80		573.70	406.38	18.34
Barra da Tijuca	0.55	3.01		1694.51	1268.08	57.20
Pavuna	0.38	3.28		247.85	178.75	4.05
Guaratiba	0.43	3.32		232.91	171.22	5.80
Inhaúma	0.41	3.09		400.22	277.67	6.50
Rocinha	0.34	3.16		219.95	180.33	3.66
Jacarezinho	0.31	3.14		177.98	136.23	2.18
Complexo do Alemão	0.34	3.38		177.31	145.13	1.07
Maré	0.33	3.25		187.25	153.78	1.77
Realengo	0.43	3.15		339.67	237.67	7.10
Cidade de Deus	0.34	3.20		207.56	155.13	1.88

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

* Os valores referentes as rendas são médias em que aos valores missing são atribuídos zeros (existe imputação).

MAPA DA RENDA
Tabela 3 - Rio de Janeiro - Informações dos Domicílios
Rendas Médias de Todos*

Subdistrito	Apos. e pensão	Aluguel	Transf. Privadas	Transf. Públicas	Outras	Todas as fontes
Total da UF	91.68	12.36	6.79	0.98	8.71	413.99
Areia Branca	45.40	5.53	2.05	0.88	3.82	227.54
Nova Aurora	23.33	1.34	1.60	0.72	2.17	143.43
Jardim Redentor	28.06	3.05	2.14	0.75	2.16	169.08
Parque São José	26.27	2.22	1.51	0.87	2.96	160.25
Lote XV	32.42	2.59	2.62	1.11	2.51	189.88
Japeri	39.55	2.88	1.32	0.95	5.25	184.04
Engenheiro Pedreira	22.51	1.52	1.02	0.29	1.82	144.29
Centro de Queimados	42.94	5.94	1.86	1.00	9.96	248.49
Nordeste	25.04	1.29	1.53	1.02	1.87	135.56
Oeste	25.16	1.83	1.21	0.84	8.14	161.01
Portuária	60.89	5.16	3.26	1.63	5.35	283.52
Centro	163.06	13.65	12.73	1.16	8.39	632.06
Rio Comprido	114.90	11.17	9.99	1.22	6.13	481.76
Botafogo	363.00	56.26	36.18	2.08	40.91	1497.24
Copacabana	551.51	93.51	44.22	1.68	65.83	1632.09
Lagoa	427.63	135.41	62.06	1.65	130.19	2227.16
São Cristovão	86.67	11.05	4.33	1.07	4.75	363.37
Tijuca	336.53	36.56	20.61	1.57	22.96	1181.33
Vila Isabel	262.56	22.57	16.05	0.93	15.63	1005.54
Ramos	107.27	9.64	5.35	1.17	5.70	427.55
Penha	82.11	7.31	4.76	0.82	5.00	360.33
Méier	166.40	11.81	10.40	1.03	9.34	619.76
Irajá	114.63	8.36	5.91	0.81	6.05	450.26
Madureira	107.73	7.26	5.53	1.14	7.74	388.12
Jacarepaguá	105.24	11.93	7.81	1.12	8.26	527.38
Bangu	62.78	4.42	3.69	0.90	3.95	286.95
Campo Grande	65.53	5.97	3.98	1.00	4.31	304.30
Santa Cruz	48.01	2.59	3.03	0.95	3.46	212.18
Ilha do Governador	136.94	18.65	9.47	1.28	15.52	615.96
Ilha de Paquetá	172.35	26.23	9.19	0.00	0.00	457.61
Anchieta	77.25	5.35	3.90	1.10	7.93	310.10
Santa Teresa	102.93	22.64	8.67	1.89	12.83	573.70
Barra da Tijuca	231.59	66.09	33.06	1.49	37.00	1694.51
Pavuna	54.04	4.31	2.64	1.09	2.97	247.85
Guaratiba	43.85	5.06	2.18	0.69	4.11	232.91
Inhaúma	99.82	6.31	3.40	1.38	5.14	400.22
Rocinha	21.28	9.90	1.28	0.91	2.60	219.95
Jacarezinho	30.97	2.72	1.58	1.87	2.43	177.98
Complexo do Alemão	24.82	1.95	1.40	1.62	1.32	177.31
Maré	21.96	4.93	1.51	1.06	2.23	187.25
Realengo	82.12	5.30	3.25	0.84	3.37	339.67
Cidade de Deus	41.99	2.93	1.26	0.83	3.54	207.56

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.

** Os valores referentes as rendas são médias em que aos valores missing são atribuídos zeros (existe imputação).*

Equação do Log da RFPC para $15 \leq \text{IDADE} \leq 65$

Rio de Janeiro

The SURVEYREG Procedure

Regression Analysis for Dependent Variable lnrfpc

Data Summary	
Number of Observations	385389
Mean of lnrfpc	5.81308
Sum of lnrfpc	2240298.5

Fit Statistics	
R-square	0.4598
Root MSE	0.8128
Denominator DF	385388

ANOVA for Dependent Variable lnrfpc					
Source	DF	Sum of Squares	Mean Square	F Value	Pr > F
Model	37	216687.6	5856.421	8865.17	<.0001
Error	385351	254566.8	0.661		
Corrected Total	385388	471254.4			

Tests of Model Effects			
Effect	Num DF	F Value	Pr > F
Model	37	9229.11	<.0001
Intercept	1	196955	<.0001
SEXO	1	438.86	<.0001
fxcor	1	6849.50	<.0001
IDADE	1	2215.54	<.0001
idade2	1	4906.68	<.0001
educa	1	1075.36	<.0001
educa2	1	4129.60	<.0001
UF	0	.	.
Tipo	0	.	.
RA	31	1158.97	<.0001

The denominator degrees of freedom for the F tests is 385388.

Parameter	Estimated Regression Coefficients		t Value	Pr > t
	Estimate	Standard Error		
Intercept	4.8964495	0.01849143	264.80	<.0001
SEXO Homem	0.0550576	0.00262816	20.95	<.0001
SEXO Mulher	0.0000000	0.00000000	.	.
fxcor Afro	-0.2347782	0.00283680	-82.76	<.0001
fxcor nAfro	0.0000000	0.00000000	.	.
IDADE	-0.0271907	0.00057767	-47.07	<.0001
idade2	0.0005167	0.00000738	70.05	<.0001
educa	0.0404978	0.00123497	32.79	<.0001
educa2	0.0045064	0.00007013	64.26	<.0001
UF Rio de Janeiro	0.0000000	0.00000000	.	.
Tipo Capital - Região	0.0000000	0.00000000	.	.
RA Anchieta	0.2263050	0.01627398	13.91	<.0001
RA Bangu	0.1814262	0.01507793	12.03	<.0001
RA Barra da Tijuca	1.0360519	0.01719547	60.25	<.0001
RA Botafogo	0.9728850	0.01596632	60.93	<.0001
RA Campo Grande	0.1877888	0.01499041	12.53	<.0001
RA Centro	0.6626204	0.02124429	31.19	<.0001
RA Cidade de Deus	0.0969338	0.02121472	4.57	<.0001
RA Complexo do Alem	0.0338567	0.01860276	1.82	0.0688
RA Copacabana	0.9931607	0.01685740	58.92	<.0001
RA Guaratiba	0.0596453	0.01748839	3.41	0.0006
RA Ilha de Paquetá	0.5188936	0.04947631	10.49	<.0001
RA Ilha do Governad	0.5375362	0.01586541	33.88	<.0001
RA Inhaúma	0.3101307	0.01655297	18.74	<.0001
RA Irajá	0.3735617	0.01589546	23.50	<.0001
RA Jacarepaguá	0.4682171	0.01505265	31.11	<.0001
RA Lagoa	1.1580391	0.01700700	68.09	<.0001
RA Madureira	0.2896177	0.01518704	19.07	<.0001
RA Maré	0.1298418	0.01678968	7.73	<.0001
RA Méier	0.5003498	0.01520276	32.91	<.0001
RA Pavuna	0.1173429	0.01587379	7.39	<.0001
RA Penha	0.2565451	0.01537925	16.68	<.0001
RA Portuária	0.2766879	0.02059310	13.44	<.0001
RA Ramos	0.3564274	0.01651097	21.59	<.0001
RA Realengo	0.2531116	0.01561041	16.21	<.0001
RA Rio Comprido	0.3588662	0.01858739	19.31	<.0001
RA Rocinha	0.2511355	0.01922998	13.06	<.0001
RA Santa Cruz	0.0172302	0.01538210	1.12	0.2627
RA Santa Teresa	0.4753880	0.02163588	21.97	<.0001
RA São Cristovão	0.3239387	0.01831885	17.68	<.0001
RA Tijuca	0.7891425	0.01647918	47.89	<.0001
RA Vila Isabel	0.7542602	0.01621056	46.53	<.0001
RA zzJacarezinho	0.0000000	0.00000000	.	.

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados Censo Demográfico de 2000/IBGE.